

A formação entre instrumentalização e criticidade: elementos conceituais da teoria crítica ao campo educacional

*Formation amid instrumentalization and criticism:
critical theory conceptual elements to the educational field*

*La formación entre instrumentalización y criticidad:
elementos conceptuales de la teoría crítica al campo educacional*

Viviane Prux Branco² 

Filipi Vieira Amorim³ 

Carmen Lúcia Fornari Diez⁴ 

Resumo: O artigo discute o ataque às humanidades a partir dos aspectos filosóficos que englobam os preceitos e fundamentos da Teoria Crítica, com base, principalmente, nos estudos de Theodor W. Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Apresenta-se um diálogo conceitual, dada a natureza teórica do ensaio, e evidencia-se sua pertinência à atualidade. O objetivo do texto é compreender o sentido da Formação Humana frente às antinomias educacionais pautadas por constantes ataques às humanidades. A metodologia caracteriza-se pela análise bibliográfica, traduzida em estudos e reflexões sobre a Teoria Crítica, com atenção especial aos seguintes elementos teórico-conceituais: Indústria Cultural, Semicultura e Razão Instrumental. O ensaio apresenta conclusões parciais, pois apesar de denunciar um ataque às humanidades, através da efetivação de um projeto pedagógico nacional de Semiformação, o estudo pressupõe o surgimento de novas provocações que não se encerram nesta pesquisa.

Palavras-chave: Educação. Teoria crítica. Indústria cultural. Semicultura. Razão instrumental.

Abstract: *This paper discusses the attack on humanities based on philosophical aspects that encompass principals and fundamentals of Critical Theory, mainly supported by studies from Theodor W. Adorno (1903-1969) and Max Horkheimer (1895-1973). A conceptual dialogue is presented, given the theoretical nature of the essay, to emphasize its significance to present-day. The purpose is to understand the meaning of Human Formation in the face of educational antinomies lined by constant attacks on humanities. The methodology is typified as a bibliographical analysis translated into studies and considerations on Critical Theory, with particular attention to the following theoretical-conceptual elements: Cultural Industry, Semi-Culture and Instrumental Reason. The essay presents partial conclusions, for despite denouncing an attack on humanities through the implementation of a national educational project of Semi-Formation, the study assumes the possibilities of new arguments that do not end with this research.*

Keywords: *Education. Critical theory. Cultural industry. Semi-culture. Instrumental reason.*

Resumen: *El artículo discute el ataque a las humanidades a partir de los aspectos filosóficos que engloban los preceptos y fundamentos de la Teoría Crítica, basándose sobretudo en los estudios de Theodor W. Adorno (1903-1969) y Max Horkheimer (1895-1973). Se presenta un diálogo conceptual, dada la naturaleza teórica del ensayo y se evidencia su adecuación a la actualidad. El objetivo del texto es comprender el sentido de la Formación Humana frente a las contradicciones educativas marcadas por constantes ataques a las humanidades. La metodología se caracteriza por el análisis bibliográfico, traducido en estudios y reflexiones sobre la Teoría Crítica, con especial atención a los siguientes elementos teórico-conceptuales: Industria Cultural, Semicultura y Razón Instrumental. El ensayo presenta conclusiones parciales porque, aunque denuncie un ataque a las humanidades, por medio de la efectividad de un proyecto pedagógico nacional de*

¹ **Submetido em:** 06 abr. 2019 - **Aceito em:** 03 abr. 2020 - **Publicado em:** 01 nov. 2020

² Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) – E-mail: vivipruxb@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – E-mail: filipi_amorim@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal do Paraná (UFPR) – E-mail: miuxe@hotmail.com

semiformación, el estudio presupone el surgimiento de nuevas provocaciones que no se encierran en esta investigación.

Palabras clave: *Educación. Teoría crítica. Industria cultural. Semicultura. Razón instrumental.*

Introdução

A Teoria Crítica, como campo teórico, permite-nos a reflexão e a compreensão sobre algumas questões referentes à Formação Humana, de modo geral, e à Educação, especificamente, entendida como parte que compõe a primeira. Com base nesse argumento, o artigo abordará três conceitos fundamentais apresentados por Adorno e Horkheimer, pensadores vinculados à Escola de Frankfurt, o berço da assim nomeada Teoria Crítica. O objetivo é identificar possibilidades de compreensão sobre o momento histórico em que nos encontramos, sobretudo, no Brasil, diante da proposição de algumas “reformas pedagógicas”. Os conceitos aos quais nos referimos, e que serão tratados a seguir, são: i) Indústria Cultural; ii) Semicultura; e, iii) Racionalidade Instrumental.

2

Não trataremos das “reformas educacionais” como objetos de estudo neste ensaio, mas nos referiremos a elas por conta de sua proximidade com a instrumentalização do sujeito da educação em detrimento do desenvolvimento de seu pensamento crítico e emancipatório. Neste sentido, podemos nomear três reformas em andamento que convergem para a desvalorização do direito subjetivo: i) Reforma do Ensino Médio; ii) Base Nacional Comum Curricular; e, iii) Escola Sem Partido. Essa hipótese de negação à subjetividade, porquanto a restrição, em comum, das humanidades nas propostas, serve-nos como justificativa para o debate conceitual a que nos propomos e, ao mesmo tempo, como reivindicação ao debate acerca das consequências oriundas do que nomearemos como ataque às humanidades.

É importante destacarmos que a escolha pela palavra humanidades não apenas nos remete à grande área das Ciências Humanas senão amplia o seu horizonte compreensivo. Significa, pois, que reconhecemos aquilo que Japiassu (2012) nomeou “crise das Ciências Humanas” por conta da influência premente que as Ciências Naturais ainda exercem sobre as primeiras. Portanto, o anúncio acerca do alargamento do horizonte compreensivo das chamadas Ciências Humanas significa o reconhecimento de que há elementos epistemológicos, éticos, estéticos e políticos que ultrapassam a formalidade acadêmica e técnico-científica do **substantivo** (ciência) que precede o **adjetivo** (humana), isto é, insuficientes ao que representam as humanidades em sentido mais amplo (WELSCH, 2007). Outro aspecto fundamental que justifica a abordagem, de modo geral, e a escolha pela palavra humanidades, especificamente, é a ausência da discussão pública, substituída pela construção burocratizada das referidas propostas – Reforma do Ensino Médio, Base Nacional Comum Curricular e Escola Sem Partido –, que excluiu tanto a sociedade civil (movimentos sociais, coletivos de educadores, sindicatos, associações) quanto pesquisadores e pesquisadoras com vasta experiência nas áreas afetadas.

O cenário com o qual nos deparamos sugere a conversão, ainda que sutil, do pensamento crítico – acadêmico e social – que se converte em uma espécie de aceitação passiva diante de uma projeção que ameaça uma gama de direitos socialmente conquistados e

construídos, assegurados ao longo da história e que, agora, encontram-se sob o risco da extinção. Do mesmo modo, entendemos que essas “reformas”, cada vez mais **apolíticas**, carregam consigo o potencial da razão totalitária, travestida como promessa de uma sociedade livre de “ideologias perversas”. Logo, a motivação para buscarmos a compreensão para as questões imanentes às reformas aproxima-se da problemática que envolve uma concepção de sujeito-assujeitado, aquele que não age, ou não reage, frente às antinomias expostas à sua condição existencial. No momento em que nos encontramos em um mundo cada vez mais, paradigmaticamente, capitalizado e, como sói ser, quase sem experiências formativas relevantes, o assujeitamento torna-se efeito – logo, transformado em *engineering* de causa e efeito – daquilo que Adorno denomina de semicultura.

A reforma como instrumentalização

A instrumentalização do real que é apresentada nessa configuração de reformas e projetos necessita de um modo de pensar crítico que não esteja à mercê dos pensamentos condicionados no dado imediato. Essa elaboração reducionista é contrária àquilo que Adorno defendeu e, ao mesmo tempo, mostra-se como exemplos de subordinação à lógica neoliberal de mercado. “Essa subordinação, simbólica e reducionista, à lógica de mercado pode trazer sérios problemas à sociedade, não seriam apenas os dominados atingidos, mas conduz à semiformação cultural, igualmente, daqueles que representam a ordem dos dominantes” (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2000, p. 121). Essa lógica capitalista de projeções ofertadas para as “necessidades” humanas não inspira um sujeito emancipado, tampouco disposto e interessado em desvelar a autorreflexão, uma sociedade justa, ou ainda uma autenticidade de suas experiências.

Assim, precisamos atentar acerca daquilo que as reformas educacionais estão tentando nos trazer: *Bildung* (formação) ou *Halbbildung* (semiformação)? Para que possamos compreender as contribuições da Teoria Crítica, é interessante observarmos que ela provoca-nos ao deslocamento para entendimentos que afirmam a capacidade do sujeito para julgar, decidir, ser autônomo e independente, e entender que nem todo o progresso científico significa sucesso, pois dominar o social e a natureza significa o domínio dos sujeitos entre si. E o alerta da Teoria Crítica, nesse contexto, é justamente ao domínio dos sujeitos entre si e da natureza, porque as formas de dominação podem levar-nos à barbárie.

Entenda-se como barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas que se encontram atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda essa civilização venha a explodir, aliás uma tendência que iminentemente a caracteriza. Considero tão urgente impedir isso que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (ADORNO, 2000, p. 155).

Se considerarmos que a premissa ocupada com a superação do impulso autodestrutivo

representado pela barbárie requer a reordenação dos objetivos educacionais, o que está em jogo não são apenas reformas educacionais, mas antinomias da formação. É por essa razão que, em outras, os fundamentos conceituais da Teoria Crítica foram escolhidos como pano de fundo para os argumentos apresentados neste artigo, para que possamos conhecer e contrastar a Indústria Cultural como premissas de uma semicultura (*Halbbildung*). O termo Indústria Cultural foi utilizado pela primeira vez em 1947, quando da publicação da “Dialética do Esclarecimento”, de Adorno e Horkheimer (2006). Esse conceito foi suprido pela “cultura de massas”, que, em entrevistas e conferências radiofônicas, foi explicado por Adorno (1999, p. 08):

A expressão Indústria Cultural visa substituir ‘cultura de massa’, pois esta induz ao engodo que satisfaz os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa. Os defensores da expressão ‘cultura de massa’ querem dar a entender que se trata de algo como uma cultura surgindo espontaneamente das próprias massas.

Adorno e Horkheimer afirmam que a Indústria Cultural é formada pela mídia e que esta impõe o seu padrão capitalista de comportamento e de valores, assim como cria necessidades específicas, transformando tudo em negócio. Esse mecanismo, para Adorno, é fraudulento no momento em que promete e não cumpre, como, por exemplo, em situações eróticas dos cinemas. O puro nada ou o empobrecimento da subjetividade criado pela Indústria Cultural é chamado de Razão Instrumental. Esse saber técnico, mais precisamente a Tecnologia, está a serviço das Luzes e quando tratamos da era das Luzes, estamos nos referindo ao compromisso que o sujeito, para que assim o fosse, recebia de ter, buscar e construir para si uma condição livre, de sujeito emancipado, sem medo da magia ou de qualquer situação que o vinculasse aos mitos impregnados ao medievo. Sobre o mito, Adorno (1999) assinala que tudo é voltado à humanidade e esta é capaz de projetar o subjetivo sobre a natureza.

O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera subjetividade. O preço que os homens pagam pelo aumento do poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna para-ele (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 21).

Essa trama entre poder e alienação também foi estudada por Adorno e Horkheimer (2006) na obra “Dialética do Esclarecimento”, voltada para descobrir por que a humanidade, ao invés de entrar em um estado verdadeiramente humano, estava se afundando em uma nova espécie de barbárie. Essa barbárie diz respeito ao sujeito tornar-se objeto de sua própria obra, da técnica servir-lhe, mas ele não saber a ordem desse processo, quem domina o quê. Eis que, aqui, o fruto Iluminista perde-se.

Trazendo para a nossa atualidade, sentimos que as reformas e os projetos educacionais, feitos por minorias preocupadas com os seus próprios interesses, sem que haja o reconhecimento da pluralidade imanente à escola ou mesmo à sociedade, remete-nos a uma retentiva alusiva ao Iluminismo. Aquele Iluminismo que liberta as pessoas de questões míticas e misticismos, em que se desdobra a evolução da ciência e o desvelamento de novos conhecimentos, porém, agora, com um efeito inverso, como se a nossa compreensão tivesse

chegado ao ápice e precisássemos voltar a ver menos, convertendo-nos a uma nova mitologia.

Dessa forma, a Indústria Cultural usa estrategicamente o capitalismo com a dominação técnica sobre o sujeito, o capital, a inocência. A falsa clareza é apenas uma expressão do mito, que visa obscurecer e iluminar, ao mesmo tempo, para eliminar a busca de conceito, sendo que eles, os conceitos, aparecem brevemente, esclarecendo-nos apenas o necessário (ADORNO; HORKHEIMER, 2006). Essa situação falsifica as relações humanas com a natureza, e entre humanos – antes, dominadores da técnica, da ciência, agora, vítimas delas, caracterizando um anti-Iluminismo.

A arte da subordinação pela via da distração efêmera faz parte da totalidade da Indústria Cultural e o esclarecimento torna-se mito, novamente, na medida em que, após dominar a natureza, progride tecnicamente; mas como o desenvolvimento do sistema tornou-o desumano e sem razão, cobrando-lhe os fins e não os meios, legou à razão ser a serva de quem detém o poder. É justamente nesse sentido que Adorno e Horkheimer (2006) reivindicam uma racionalidade para além do sistema e do poder vigente, pois o capitalismo tem aprofundado as desigualdades sociais e criado distanciamento do sujeito e seu sentido de **ser**. O perecimento do potencial emancipatório da racionalidade, devido à sua redução à razão instrumental é a causa da crise da razão. Nas palavras de Adorno e Horkheimer (2006, p. 25), “o conhecimento é a radicalização da angústia mítica”.

Com a razão instrumentalizada, as verdades não são mais universais, estão sempre em prol de um sistema e a ideia é pôr em denúncia aquilo que se chama de razão pela Indústria Cultural. Adorno tem a ideia de desmascarar os sistemas filosóficos que tentam eternizar-se na razão instrumental. Como, então, podemos recuperar a base da racionalidade? Para o que tange esse ensaio, é com o reforço da atividade filosófica, no sentido de desgrudar-se da massa da Indústria Cultural e da sua Razão Instrumental. A filosofia é a combinação de um espírito de vigília juntamente com a ideia de lutar na sociedade (des)esclarecida e contribuir para uma sociedade democrática com sujeitos emancipados.

Evidentemente, não cabe tão somente à filosofia a função de protagonista e defensora de um modelo social e político, antes, sim, de possibilitar o acesso à reflexão criteriosa e crítica da cultura e da sociedade hodierna. Isso explica porque pensar do ‘lugar da filosofia’ significa perguntar primeiro acerca do sentido das coisas – ‘o que’, ‘por que’ e ‘para que’. Ser professor de filosofia, certamente, significa conhecer bem e saber os instrumentos de mediação do conhecimento, mas significa, sobretudo, conhecer o *modus operandi* da filosofia, o método por meio do qual procura entender os fenômenos e pensar sobre as coisas. Quer dizer, resistir às condições de mônada e consciência objetificada, resistir aos pensamentos esquemáticos – modelo da ciência positiva –, buscando, em contrapartida, potencializar o método filosófico de compreender o mundo e, principalmente, a vida em sociedade (JUNKES; HORN, 2015, p. 72).

Acreditamos que a racionalidade instrumental é impulsionada pela Indústria Cultural que emerge do capitalismo e rege diferentes campos, tanto administrativos quanto educacionais. A análise desse modelo de racionalidade, apresentada nos estudos de Adorno e Horkheimer, sugere que a razão tornou-se instrumental e que ela é serva de quem detém o poder. Com a união entre Razão Instrumental e o poder do capitalismo, os seres humanos passaram a almejar o domínio sobre a natureza sem se darem conta que dominavam a si

mesmos. Em última análise, a continuidade desse processo levou-nos à Indústria Cultural, criando a antinomia da Formação (*Bildung*), a semiformação (*Halbbildung*): “síndromes e estruturas de pensamento como essas são apolíticas, mas sua sobrevivência tem implicações políticas” (ADORNO, 2000, p. 62).

Neste ponto, ficamos entre a criticidade e a instrumentalização, pois a criticidade deveria oferecer a emancipação da humanidade dos poderes do mito, mas, através dessa dominação progressiva da natureza, ela engendrou o retorno do mito em formas mais absolutas de dominação social, desde reformas educacionais até a padronização da liberdade pela influência midiática, por padrões sociais, ou ainda pela concomitância de ambos. Através das sugestões e dos resultados de reformas educacionais, pode haver uma dominação sistemática das relações políticas, sociais e econômicas, de modo a concretizar-se a semiformação. Dessa forma, não podemos considerá-la, a semiformação, como um ato isolado, visto que possui subordinações como a instrumentalização da razão, a reprodução e nenhum tipo de avaliação do processo. Na perspectiva de Adorno (2005), as reformas pedagógicas isoladas não trazem contribuições substanciais e, além disso, podem reforçar o estado de crise da Formação porque abrandam as necessidades e as exigências a serem feitas aos que devem ser educados. Isso revela uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles e demonstra a fragilidade e as insipientes reflexões das relações com a sociedade, interferindo positivamente ou negativamente nesta.

Temos duas dinâmicas idênticas: primeiro, com a Base Nacional Comum Curricular, que passou por três reformulações, em três tempos de diferentes abordagens, ou seja, três versões; segundo, com a proposta do projeto Escola Sem Partido. Essas possibilidades manifestam a nossa ideia sobre o capital, ditando regras até mesmo na educação, movimento sutil e demarcado que baliza, entre outros, a Indústria Cultural atacando as humanidades.

No caso do projeto de lei nº 867/2015, que cria o Programa Escola Sem Partido, sendo que Miguel Nagib é o seu fundador, tem confundido as pessoas no momento em que indaga se a escola tem que ser **com** ou **sem** partido. Quando tratamos de partido, tratamos no sentido **político-partidário** ou de assumir uma posição **político-pública**? Pois bem, dentre as últimas notícias, o que vemos, como argumento básico deste projeto, é que o alvo são os professores e a escola, mas de uma forma contraditória que prega a neutralidade política, criando um falso sentimento de que, sem a aprovação do projeto, a educação nacional recairá, entre outros, no desrespeito aos valores familiares e na subversão. Nesse sentido e entre outras discussões, os grupos que compõem a hegemonia em termos de proposições e aprovações das reformas educacionais, referem-se à nomenclatura errônea e desonesta intelectualmente quando se referem aos estudos e pesquisas desenvolvidas no âmbito das questões de gênero e sexualidade, convertida em “discurso vazio” nomeado como “ideologia de gênero” com o intuito de amedrontar a sociedade conservadora.

A diretoria da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação – ANPEd (2016, p. 61) refletiu, em um artigo publicado em 2016, que diante do projeto Escola Sem Partido a sociedade mais justa e igualitária está em risco:

O Plano Nacional de Educação está em risco [...] quando se anuncia um conjunto de medidas que atentam contra a livre expressão, o diálogo, a construção coletiva dos

projetos pedagógicos das escolas; - Os movimentos de combate à suposta ‘ideologia de gênero’, ‘escola sem partido’ e outras variações de leis da mordaza, ferem de maneira fundamental direitos constitucionais de livre expressão, liberdade de ensinar e a possibilidade de construção de uma escola pública de qualidade. Não é possível haver qualidade onde impera o desconhecimento e a intolerância; - O processo de ampliação do acesso ao ensino superior, que possibilitou a entrada de novos sujeitos na universidade brasileira, será estagnado.

Como observamos, o ataque às humanidades é também um ataque à sociedade como um todo. Gaudêncio Frigotto (2017, p. 19) reflete sobre a forma de organização da instituição pública, hoje marcada por aguda destruição de direitos e da natureza em prol do capital:

Para a manutenção deste sistema cada vez mais irracional, produziu-se paulatinamente a anulação do poder político dos Estados nacionais, transferindo o verdadeiro governo do mundo para os grandes grupos econômicos, hegemônicos pelo capital financeiro, e para os organismos internacionais que os representam, mormente a Organização Mundial do Comércio e o Banco Mundial. Estrutura-se, então, um poder sem sociedade, ou, como analistas têm caracterizado, um Estado de exceção permanente. Estado que no interior das nações é comandado pelos bancos centrais e ministérios de economia, os quais definem as medidas que garantem o lucro, em especial do capital financeiro. Um poder que se afirma no plano cultural e jurídico respaldado pela força de um Estado cada vez mais policial.

Assim, tanto a Base Nacional Comum Curricular quanto o programa Escola Sem Partido e outros que representam ataques às humanidades demonstram que estão a serviço do capital e, de forma ardilosa, pretendem diminuir a emancipação e a informação crítica: preservar a humanidade e os processos de humanização não é o seu foco. As reformas mencionadas representam um perigo, trazem consigo ideias automáticas que, quanto menos vemos, menos teremos pensamentos e atitudes com significados próprios. Ideias instrumentalizadas, linguagem instrumentalizada. A semicultura perpassa as reformas e os projetos educacionais, algo mesmo como o que Adorno e Horkheimer afirmam-nos – o que evidencia, uma vez mais, a atualidade de seus conceitos –, pois essa movimentação de reformas e projetos é um engodo que, ao intitular-se “reformas pedagógicas”, cria, na verdade, mais uma mitificação das massas: uma instância não qualificada difunde o que pode ser “vendido” ou convidado a aderir.

Racionalidade instrumental e semicultura

A coabitação da racionalidade instrumental sobre a totalidade da racionalidade articula o retorno do mito na forma mais absoluta de dominação social. A Razão Instrumental fica à disposição das construções e dos aperfeiçoamentos de instrumentos que estão ao serviço do sistema. Por sua vez, o sistema tenta eternizar o estado atual da realidade, impedindo, assim, qualquer movimento para uma transformação realmente significativa, aprimorando mais um saber técnico do que um saber crítico.

Horkheimer, trazido por Reale e Antiseri (2006, p. 476), sublinha que a razão é, agora, *ancilla administratio* (serva da administração) e, “tendo renunciado à sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento”. Horkheimer (2015), no livro “Eclipse da razão: crítica da razão instrumental”, esclarece o conceito de racionalidade que, de acordo

com a sua compreensão, está na base da moderna cultura industrial. Reflete que somos seres finitos, pregando uma solidariedade que deriva do fato que todos sofrem e morrem, ousando propor uma “teologia de consciência de que o mundo é fenômeno” (REALE; ANTISERI, 2006, p. 108), que a injustiça não seja a última palavra e que o assassino não triunfe sobre a vítima inocente.

Adorno e Horkheimer (2006, p. 71) apresentam-nos o argumento de que o esclarecimento denuncia a instrumentalização humana.

O pensamento, no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária e a derivação do conhecimento factual a partir de princípios, não importa se estes são interpretados como axiomas arbitrariamente escolhidos, ideias inatas ou abstrações supremas [...]. Todo objetivo a que se refinam os homens como um discernimento da razão é, no sentido rigoroso do esclarecimento, desvario, mentira, ‘racionalização’, mesmo que os filósofos dediquem seus melhores esforços para evitar essa consequência e desviar a atenção para o sentimento filantrópico. A razão é ‘um poder de derivar o particular do universal’.

Pois bem, se temos o esclarecimento como promessa de uma sociedade melhor e mais justa, onde está o seu limite para que não se torne totalitária ou legítima, unicamente, a ordem vigente? É neste sentido que vislumbramos, dado o avanço da Razão Instrumental materializada pelas antinomias no *locus* mesmo onde seria combatida, a escola, a destruição do esclarecimento.

O falso do Esclarecimento não é a aplicação do raciocínio lógico-dedutivo, da necessidade da disciplina ou mesmo da precisão metodológica. A sua falsidade se caracteriza pela pretensão de que a relação sujeito-objeto seja indefinida, passível de ser sempre modificada mediante o exercício da vontade, a despeito dos entraves e condicionantes sociais. Ora, antes mesmo da pergunta ser feita, já sabemos por antecipação como é que devemos nos comportar para sermos reconhecidos como ‘sujeitos’ e não páreas sociais. Tal como no mito, situamo-nos diante de uma sociedade em que seus fatos suplicam pela reprodução do sempre idêntico. E a mesmice caminha de mãos dadas com o conformismo e com a resignação ao horror. [...] os horrores atuais são frutos de uma redução do irracionalismo mítico? Para Adorno, a resposta seria negativa, pois no texto *Cultura e Civilização* afirma que: ‘o mal não deriva da racionalização do nosso mundo, mas da irracionalidade com que essa racionalização atua’ (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2000, p. 52-53).

Portanto, os meios estão afinados com os fins, fins mercadológicos, em especial, que combatem a razão. O movimento contraditório da razão humana ameaça-nos e aproxima-nos, cada vez mais, da desumanização. Logo, mesmo que não façamos a dissecação das reformas político-pedagógicas que estão sob os holofotes na atualidade brasileira, elas representam esse ideal de desumanização, algo como uma humanidade sem humanidade, dada a alta valorização da instrumentalização em detrimento da crítica, da passividade comportamental em contraponto à liberdade coletiva. Essa constatação legitima a impressão de Razão Instrumental existente nas reformas educacionais ou projetos sem especulação nos meios acadêmicos, tudo invisível, com uma falsa clareza e uma atuação forte no quesito **saber fazer** para **saber produzir**. É por isso que, em outras palavras, quando tratamos da Razão Instrumental, estamos tratando sobre os seus aspectos técnicos e científicos, sobre como conduziu o ser humano a uma condição emancipatória, mas essa mesma razão levou o ser

humano a um pleno irracionalismo, um processo de semiformação, em que retirou a identidade do indivíduo. Sobre esse aspecto, Petry (2011, p. 90) afirma:

A razão subjetiva, na ausência da determinação dos fins que deveriam orientar sua realização, transforma-se em uma racionalidade instrumental e serve, na sociedade capitalista, estruturada em uma lógica de produção, à dominação da natureza. Contudo, na medida em que a própria sociedade se organiza a partir desse mecanismo de meios orientados para fins, sendo estes definidos pela necessidade de produção de capital, e se constitui como sociedade racionalizada, também o indivíduo é obrigado a se adaptar, tendo que se moldar de acordo com as demandas externas a ele. Desse modo, a dominação exercida pela racionalidade instrumental não diz respeito somente à natureza externa, mas, sobretudo, aos indivíduos.

O dano que a Razão Instrumental – produzida pela Indústria Cultural – causa no indivíduo é demonstrado pela via mesma à qual os seus conteúdos culturais são absorvidos: eles são coisificados e tratados friamente como mera mercadoria, limitando-se a uma semiformação, “a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta na satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais” (ADORNO, 2000, p. 23). Dessa forma, a incapacidade de entender o todo – e, ainda assim, sentir-se bem nesse processo totalitário da Indústria Cultural – é lembrado por Adorno como processo semelhante à condição objetiva da **antecâmara de Auschwitz**, a linha de produção da morte. É, pois, uma forma de pensar que a Indústria Cultural pode impor uma forma estereotipada, através de reformas, projetos ou ataques às humanidades, uma vez que “quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 34).

Agora, pensemos sobre os impactos contemporâneos da **semicultura** ou **semiformação** na sociedade, esta que se materializa pela continuidade da Indústria Cultural. Essa equivalência tem se mostrado nas reformas pedagógicas e em projetos ligados à educação em todos os âmbitos da escolarização formal. Essa lógica, em decorrência do neoliberalismo, está fundamentada na cultura industrializada pela via das sugestões educacionais que se esgotam em poucos referenciais, criando uma fetichização de críticas sem embasamentos teóricos e de ações expandidas pelas “*fake news*”, por exemplo. De modo geral, recebemos um bombardeio de informações, de artefatos simbólicos sem nenhuma qualidade estética, deixando em alerta a condição problemática da semiformação em que a tecnologia e o esclarecimento não possuem um real objetivo de qualificação intelectual nas questões de progresso material e experiência humana.

Para ele [o sujeito semiformado] todas as palavras se convertem num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência de que está excluído, e de imputar-lhes a culpa, que, na verdade, é da sociedade que o exclui do espírito e da experiência. Uma semicultura [ou semiformação] que por oposição à simples incultura [ou ausência de formação] hipostasia o saber limitado como verdade, não pode mais suportar a ruptura entre o interior e o exterior, o destino individual e a lei social, a manifestação e a essência. Essa dor encerra, é claro, um elemento de verdade em comparação com a simples aceitação da realidade dada. Contudo a semicultura, em seu modo, recorre estereotipadamente à fórmula que lhe convém melhor em cada caso, ora para justificar a desgraça, ora para profetizar a catástrofe disfarçada, às

vezes, de regeneração. [...] A cultura converteu-se totalmente numa mercadoria. O pensamento perde o fôlego e limita-se à apreensão do fátual isolado [...] o pensamento reduzido ao saber é neutralizado e mobilizado para a simples qualificação nos mercados de trabalho específicos e para aumentar o valor mercantil das pessoas. Assim naufraga a auto-reflexão do espírito que se opõe à paranoia. Finalmente, sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 182-184).

A semiformação (*Halbbildung*) está em estreita relação com a Razão Instrumental e esta é a base para a semiformação: a Indústria Cultural nutre-se desse novo fato. Nesse âmbito, o processo de produção cultural desdobra-se em mercadoria, deteriorando o seu sentido de identidade cultural e emancipação. Com base no pensamento de Adorno, hoje, o que se manifesta como semiformação não está somente no tocante à pedagogia, mas também na sociologia, onde se colocam os conhecimentos prontos em despeito da formação: “as massas são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela Indústria Cultural” (MAAR, 2003, p. 461).

Ao tratarmos sobre semiformação, remetemos a argumentação às questões da formação, não só na sua concepção educacional, mas no sentido de ir ao encontro da fetichização da formação e da cultura. A dimensão emancipatória de ambas está condicionada a novos processos de entendimento, pois a dubiedade do sujeito-assujeitado pode criar fetiches à reificação e a si. Pois bem, se a formação cultural é agora uma semiformação e a sociedade adere a uma semicultura e, ademais, ambas impedem uma consciência emancipada, (auto)reflexiva, como poderíamos ter, na Teoria Crítica, uma promessa histórica que poderia destruir tal dominação? Como a sociedade poderia transformar a sua consciência numa consciência autônoma onde não se alimentassem os mecanismos de barbárie? Adorno e Horkheimer (2006, p. 121-122) asseguram o seguinte:

Quanto menos promessas a Indústria Cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que difunde. [...] a ideologia assim reduzida a um discurso vago e descompromissado nem por isso se torna mais transparente e, tão pouco, mais fraca. Justamente sua vagueza, a aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa que não se deixe verificar, funciona como instrumento de dominação.

Portanto, trata-se de uma questão de negação do real como um movimento de superação do que já é determinado, mas antes de tudo é preciso verificar o contexto social de produção da formação social. A semiformação está para além de um movimento pedagógico, ou ainda dentro de algum setor pedagógico, dado que a sua permanência necessita que a sociedade internalize-a, de que lhe pareça natural. Temos que ter em mente que a educação tem como objetivo levar a humanidade à emancipação, à consciência emancipada que avança sobre a Razão Instrumental que ultrapassa os limites do indivíduo e concretiza-se politicamente. Além disso, é imprescindível termos em mente o reconhecimento de que o neoliberalismo de mercado pode estar usando a educação, reformas e projetos sem elaboração e colaboração comunitária, para assegurar a semiformação como fonte de dominação e opressão. Para Adorno, a educação formadora de consciência esclarecida pela autorreflexão seria o ápice da hegemonia da sociedade para não se sufocar nessa inquietude que é ser objeto de si mesmo.

Considerações finais

A partir do esforço empreendido neste ensaio, principalmente, com o auxílio dos autores estudados, entendemos que as antinomias da Formação, sugeridas na interpretação da Teoria Crítica, auxiliam-nos no reconhecimento da identidade educacional e pedagógica que se manifestam, entre outras, nas reformas educacionais que atacam as humanidades. O desafio atual ao tema da Formação é propalar a importância da autorreflexão e do pensamento crítico. Ambos devem guiar as nossas ações. Quando tratamos de pensamento crítico, tratamos de juízo de si, um juízo intencional; portanto, conhecer a si próprio para poder atender do outro, uma vez que a alteridade diz respeito ao cotidiano humano.

O pensamento crítico, para o senso comum, às vezes, pode significar e receber uma conotação negativa, no sentido mesmo do malefício e da reprovação sobre algo, mas a profundidade dessa forma de **ser** e **pensar** está para além das questões lógicas formais, que consideram ser a autenticidade apenas aferível através de suas experiências. Neste sentido, o pensamento crítico apresenta-se como possibilidade de superação do simplismo mítico do conjunto de opiniões e concepções que, oriundas das vivências em determinado contexto social – porque imutáveis –, cristalizam-se como verdades naturais e necessárias, ou seja, aquelas que não evocam reflexões ou questionamentos. Nesse ponto, a Teoria Crítica ajuda-nos no embate às cristalizações de verdades consideradas imutáveis pelo senso comum, de modo a interpretar as discrepâncias existentes não apenas nas reformas educacionais, senão no sentido mesmo da Formação.

Portanto, ao que nos apareceu diante do legado da Teoria Crítica, representadas aqui pelo pensamento de Adorno e Horkheimer, as reformas e os projetos não vislumbram o todo, apenas pela sua *doxa* em prejuízo do *logos*. Assim, podem até sugerir um *logos*, mas recaímos na semicultura tão relacionada no texto. Vemos, assim, o ataque às humanidades, que expressa, inspira e objetiva nossa (des)intelectualidade. Nessa relação antinômica entre a Formação, defendida pelos autores da Teoria Crítica, e a atualidade do ataque às humanidades, vimos gestões defendendo formações e reformas que não condizem com leis, que não atendem aos sentidos políticos em nome do bem-comum.

O período de lassidão é claro. Dessa forma, inspira-nos buscar nas humanidades força para retomar a formação humana de forma digna, sem discriminação. Padronizar é passivizar e sujeito passivo sucumbe a qualquer mito que tente eternizar o estado presente a partir do medo e da insegurança social. A agenda capitalista, que rege a sociedade, alega escassez de recursos, mas, incentivando prazeres fúteis e competitividade, consagra o sacrifício humano direcionado a servir ao capital. Neste sentido, a educação, com as suas reformas e os seus projetos, prioriza formar – no sentido mesmo de dar forma determinada – trabalhadores obedientes ao invés de cidadãos questionadores. Ao (de)formar trabalhadores conformados, via perspectiva exclusivamente técnica-instrumental, suplanta as esperanças de um porvir de realização humana em patamares civilizatórios em que a exploração humana não se sustente.

Para concluir, ainda que reconheçamos a impossibilidade de fechamento do tema, destacamos, mais uma vez, a expressão “antecâmara de Auschwitz”, utilizada por Adorno. Não é por acaso que trouxemos novamente esses termos, que nos servem para que possamos

trilhar um caminho reflexivo sobre os dias de hoje. Vemos que as atitudes de ódio protagonizadas em nosso país vêm se agravando – manifestações como as previstas pelo autor, e outras, como o preconceito, os conflitos, o individualismo e a indiferença, a patrulha epistemológica e a vigilância obscura, o anti-intelectualismo –, assim, podemos considerar como tempos bárbaros o momento histórico em que nos encontramos, pois a mídia, com o seu caráter “formador”, continua a nos manter próximos dessas situações. O mais chocante não é familiarizar-se ou achar normal, é ser inerte e (re)afirmar e (re)produzir a ordem vigente.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

ADORNO, Theodor W. **Teoria da Semicultura**. Porto Velho: EDUFRO, 2005.

ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

ANPED. **Manifesto ANPEd** – Quando a democracia corre risco o Direito à Educação também é atacado. Rio de Janeiro, 09 maio 2016. Disponível em: <https://anped.org.br/news/manifesto-anped-quando-democracia-corre-risco-o-direito-educacao-tambem-e-atacado>. Acesso em: 05 dez. 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Escola “Sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP-RJ, 2017.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

JAPIASSU, Hilton. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Cortez, 2012.

JUNKES, Delcio; HORN, Geraldo Balduino. Autorreflexão e autonomia do pensar como pressupostos teóricos e metodológicos do Ensino de Filosofia: análise a partir da teoria crítica. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 63-74, jan./abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.5902/1984644415908>.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-475, ago. 2003. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200008>.

PETRY, Franciele Bete. **Além de uma crítica à razão instrumental**. 2011. 252 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia:** de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

WELSCH, Wolfgang. Mudança estrutural nas ciências humanas: diagnóstico e sugestões. **Educação**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 237-258, maio/ago. 2007.

ZUIN, Antônio Alvaro Soares; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos de. **Adorno:** o poder educativo do pensamento crítico. Petrópolis: Vozes, 2000.

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre

